

Serão aceitos
com especial agrado
artigos de interesse
geral.

Não se devolvem au-
thographos.

ECHO MUNICIPAL

Proprietarios
Moreira & Seixas

REDACTOR
M.S. de Seixas.

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

*Publica-se aos Domingos. Preço das assignaturas para esta freguezia 9\$000, para fora 10\$000; não se aceita por menos de um anno. An-
nuncios 3-400 reis por linha, e 50 reis para os assignantes; publicações a pedido, o que se convenienar. Todo pagamento adiantado.

O Echo Municipal

22 de Dezembro de 1878.

A Camara Municipal da Villa do Cruzeiro e nós.

O distincto e illustrado vereador da
Camara do Cruzeiro, sr. Manoel de
Freitas Novas tomou o pito na unha
com o nosso editorial de 1 do corren-
te.

Zangou-se s. s. por nos havermos
dirigido ao sr. Administrador dos cor-
reios da provincia, pedindo, em nome
do municipio do Cruzeiro ferido nos
seus interesses, — a remessa das ma-
las do correio destinadas a esta villa—
para a estação da Cachoeira como
sempre era feita — antes da abertura
da chave dita do Cruzeiro, em sua fa-
zenda idem.

Pois não teve s. s. tanta razão como
se, e como lhe provaremos, não
se bem julgando-se vingado vindo
exclusivamente a Camara Municipal
impôr a rescisão do nosso contracto
com aquella entidade.

A caso julgará s. s. que após os
louros da victoria, dormirá o sono
descuidoso do justo?

Engana-se.

A bôa ingere facilmente e da vez a
timida ovelha. O acto gastronomico
é sempre agradável ao glotão, mas
em compensação a digestão é penosa.

Havemos de ventilar esta materia
ainda nos seus mais insignificantes
pormenores.

Já uma vez dissemos e ainda repe-
timos: — o Echo Municipal não é
mercador. Elle estabeleceu-se não
para especular e sim para prodigalisar
a maior somma de beneficios que po-
der aos municipios unidos—Cruzeiro e
Lorena; e firm.e n'este proposito diri-
giu-se e ha de dirigir-se ao sr. Admi-
nistrador dos correios fazendo-lhe sen-
tir a inconveniencia da remessa das
malas da villa do Cruzeiro para a fa-
zenda do futuro exm. barão do mes-
mo nome.

A propria Camara Municipal do
Cruzeiro, a excepção de s. s. já re-
presentou ao sr. dr. Administrador
dos correios a este respeito, e ainda
fez mais—remetteu, incluindo a re-
presentação o n. 19 do Echo Municipal,
que tracta largamente d'esta questão.
A Camara Municipal acompanha sem
a minima restricção a opinião d'este
organ de publicidade, n'esta mate-
ria, e por isso solicita instante-
mente do sr. dr. Administrador dos
correios o restabelecimento do ser-
vico postal para Cachoeira a bem
do municipio do Cruzeiro.

Em quanto á rescisão do contracto

que s. s. tão galhardamente con-
seguiu, posto que anteriormente
e de viva vós o houvesse perante nós
approvado, mais de espaço tractare-
mos de provar qua s. s. abusou da
bôa fé dos snrs. camaristas que, com
s. s., tomaram parte nos trabalhos
municipaes do dia 10 do corrente;
por quanto, si aquelles snrs., de leve
suppusessem que com o procedimen-
to que tiveram n'essa emergencia, —
serviam de instrumentos das vingân-
ças de s. s. contra nós; —fazemos á
quelles snrs. vereadores a merecida
justiça—jámas elles se prestariam aos
seus machavelicos intentos.

Mas, s. s. é fino! procedeu com
tactica; não mostrou-se indisposto
com nós; revestiu o facto do con-
tracto com cores negras, e, como ha-
via de ante-mão ruminado—bateu
palmas do contentamento ao encor-
o hymno da victoria.

Provar-lhe-hemos mais que, si a
Camara não podia manter o contrac-
to estabelecido com o Echo Municipal
em sessão de 19 de Agosto do
corrente anno, também não podia
authorisar serviços de certa ordem, e
por preços que, além de elevados,
não nos consta que figurassem no
quadro dos belançetes.

Provaremos, finalmente, que a
Camara, uma vez interrompido o
contracto eia questão, não podia,
não pode, por meio espirito de afi-
liadagem, manter de pé a gratifi-
cação votada ao secretario da mesma
pelo trabalho de tirar copias de ac-
tas e mandal-as á impressão.

O contracto da publicação de ex-
pedientes era a causa; a gratificação
ao secretario o effeito d'esse mes-
mo contracto. Ora, é evidente que
tendo cessado a causa devia natura-
lmente cessar o effeito. Assim, po-
rem, não succedeu.

Já protestamos contra semelhante
escandalo em sessão de 14 do cor-
rente e ainda o fazemos do alto d'esta
tribuna.

Tractamos presentemente da ac-
quisição de importantes documentos
que, na qualidade de vereador da
Camara do Cruzeiro, requeremos
por certidão em sessão de 14 do
vigente.

Chegados que sejam ao nosso po-
der, asseguramos ao collega de vo-
cação que, quando não chegue o
nosso Echo aos ouvidos do exm.
presidente da provincia, iremos pos-
sivelmente á presença de s. exa.
impetrar a justiça que aqui nos ne-
gam.

Antes de terminar, garantimos ao
sr. vereador Novas que o expedi-

ente da Camara do Cruzeiro ha-
de ser publicado pela imprensa; que
as resoluções d'essa corporação, em-
bora a seu pezar, hão de ter um ca-
ractor publico e que, finalmente, não
hão de ficar sepultadas no pó do li-
vro das actas os luminosos discursos
de s. s., que são o mais brilhante pa-
drão dos seus futuros rasgos orato-
rios n'alguma futura Assembleia Ge-
ral Legislativa.

Carecemos de luz. O seculo re-
pelle as trevas.

A imprensa é a luz. A Camara
Municipal do Cruzeiro ha de ter a
seu lado a imprensa, ainda mesmo
graciosamente.

Collaboração

A CREMAÇÃO.

A' Caio Graccho.

Folgamos muito encontrar em
Caio Graccho um illustre contendor.

Nada ha tão bello como a discus-
são, que elucida as questões, tran-
sendo sempre como esplendido tra-
pho—a verdade.

Quando escrevemos esse artigo,
expressimos a nossa pura convicção
sobre essa tão importante materia,
não deixando de reconhecer escrú-
pulos de muita gente.

Caio Graccho apresenta-se como
essencialmente republicano, pois
votando para o mais bello tempo
d'antiguidade romana e grega, fa-
cendo um brilhante historico desses
heróicos tempos, em que o patrio-
tismo era uma virtude publica, Caio
Graccho detesta os reis—a só ado-
ra o governo do povo pelo povo.

Muito bem.

Professamos também principios po-
liticos e religiosos essencialmente
livres, queremos a eleição directa,
descentralisação administrativa a
mais lata possível, a autonomia das
camaras municipaes, tendo desen-
volvimento compativel com taes
instituições, queremos a separação
da Igreja do Estado, secularisação
dos cemiterios—o casamento civil,
a revogação do artigo 5.º da Con-
stituição do Imperio, tolerancia com-
pleta e absoluta de todas as esprei-
tes de religiões entre nós, registro
civil dos nascimentos obitos e casa-
mentos.

Possuindo taes idéas, não sabe-
mos se somos monarchistas, repu-
blicanos, liberaes ou conservadores,
visto que não é a bandeira hasteada
que define um programma de idéas,
pois é dos nossos dias ver-se liberaes
e republicanos em antithese comple-
ta, com principios livres em materia
de religião, visto haver republi-
cans ultramontanoses ao contrario

ver-se monarchistas que se achão em
posição diametralmente opposta, dan-
do-se a mesma couza entre liberaes
e conservadores, constituindo isto
tudo uma confusão tal que é ver-
dadeira torre de Babel; por isso a
nossa escola é mais segura, pró-
fessamos com convicção todos os
principios politicos e sociaes que
são a garantia inabalavel para a
liberdade dos povos—porque com
elles—é mathematico virer-se o
progresso e a civilização da huma-
nidade.

Foi sob a influencia de taes idéas
que acolhemos com enthusiasmo—
a grande idea da cremação.

O nosso illustre contendor em
seu brilhante retrospecto sobre a
antiguidade demonstrou em sum-
ma: que esses povos erão barbaros,
porém nem assim adoptarão esta ir-
reverente e irreligiosa idea. Segue-se
pois que nós, povos civilizados, pó-
vos existentes no século do vapor e
do telegrapho e de tantas maravil-
has, não devemos adoptar a crema-
ção.

É uma consequencia erronea
por não haver paridade.

Somos também altamente admi-
radores desses periodos brilhantes
d'antiguidade romana e grega, an-
de sobresahir verdadeiros typos,
do poeta, do philosopho do histo-
riador e do civismo, mas nesses
tempos, (é preciso ponderar,) que
souberão crear Homero—o pae da
poesia hellenica—de Horacio e
Virgilio cantores do celebre im-
perio romano, de Plauto—o divino,
de Plagoras, de Xenofonte de Tu-
cico—o historiadór philosopho que
nos deu uma magnifica idea dos
tempos do imperio, de Catão—o
typo sublime e dedicado de repu-
blicano convicto, de Cicero—o
orador eminente, que serve de mo-
dêlo á eloquencia moderna, e a
pesar dessas intelligencias voarem
muito alto, admitirão ao entanto
a crença do politheismo:—a infi-
nidade de deozes porjava então
a razão desses genios, que pas-
sarão á posteridade para serem
admirados.

E tão enraizada era essa cren-
ça que Sócrates foi o unico phi-
losopho que um dia separou-se
dessa opinião comum, demonstran-
do a unidade da Divindade, mas
parece que durou pouco a sua con-
vicção, porque ao aproximar-se da
morte, occasio em que elle ainda
explicava a immortalidade d'alma,
offereceu um presente á um dos
deozes!

Pois bem,—o nosso illustro
contendor, que chamou de barba-
ros á esses povos que produzirão ho-
mens desse quilate não erão adep-
tos da cremação, por consequencia,
nós povos modernos subimos ao
pinaculo da barbaridade—admit-

findo, o terreno em que Caio Graccho collocou a argumentação não deixa de ser escorregadio e falso porque a antiguidade não pôde servir de exemplo e modelo para em tudo a seguirmos, os costumes, os hábitos populares transformam-se sempre através dos séculos, melhorando e progredindo. A antiguidade como acabamos de demonstrar era polytheista, entretanto que a verdadeira philosophia nos diz que a unidade e a indivisibilidade são atributos da Divindade. Deos é um ser unico, e absoluto—tal é a nossa crença.

Concedemos que ella devotasse um culto especial á veneração dos esadveres, e não mandasse cremallos por ser barbaro, o que é ainda preciso demonstrar, porque esta idea se fosse de encontro aos principios da nossa religião, se fosse um attentado ás nossas crenças e sentimentos, muito bem, mas é a propria escripturasagrada quem diz eloquentemente: *pulvis ad pulverem reverteris—tu es pó e para o pó voltarás.*

Prezamos reconhecer em nosso illustrado confensor um intelligente historiador—philosopho e como tal ha de reconhecer que nas licções da historia da humanidade acceptamos somente o que é bom e util, mas não devemos fazer d'antiguidade modelo, e muito menos termo de comparação de uma maneira absoluta.

Estabelecidos estes principios, é em nossa opinião um erro criminal-se a intenção d'aquelles que dirigem hoje a não do Estado, homens que não pertencem ao passado, mas sim á este século de luzes e progresso, porque não sendo utopistas, e possuindo idéas que se achão amadurecidas em longos estudos, e no opinião esclarecida é preciso que imprimam n'administração de que são elles agentes principaes esses grandes principios. Estamos fartos dos governos carangueijos, os homens do governo devem sempre pertencer á celebre e verdadeira escola de Galileu—*il puer se muove*. Felizmente fulgamos em reconhecer a verdade dessa máxima no actual governo.

Emitimos pois francamente a nossa opinião sobre a utilidade da medida tomada pelo sr. Ministro do Imperio, por termos intima convicção que a cremação não offende os principios religiosos que professamos q' são os da religião catholica; dis-cutimo-la principalmente sob o ponto de vista hygienico, empregando nos grandes centros populosos, theze que estamos anciosos para ouvir o nosso illustrado contendor, que ampuhando elegante penna com a assignatura de Caio Graccho—o typo heroico do cidadão romano, e como magistral nas lides jornalisticas apar de uma grande intelligencia e profundo estudo sobre litteratura hade nos satisfazer nesse ponto.

Cincinnati

Correspondencia do Echo

Lorena, 15 de Dezembro.

Redactor Amigo.

Pela segunda vez, tenho a honra e a flicidade de escrever-lhe. A minha primeira missiva não accarriou, por certo, fortes animosidades contra mim.

Ainda está de pé, e bem viva, a minha categorica pessoa.

Não deixei, porem, de andar desconfiado e com a *pulga atrás da orelha*, como lá dizem.

Dun-me, no entretanto, os parabens á boa fortuna; pois, n'uma terra como esta em que por motivos politicos já foi assassinado o chefe de uma familia importante, não está livre de alguma estrondosa sava de pau quem, como eu, gosta de brincar com os typos do lugar e pôr em publico os *podres* de certa gente.

Si faltassem razões para assim pensar, eloquentemente clamaria o que succeden á um nosso collega do antigo *Jornal do Povo*, de nossa vizinha Guaratinguetá.

Como é sabido, o Cuba sentio no lombo o peso de um bom e nodoso cacete, por causa de pôr certos negocios em pratos limpos.

Mas eu, enquanto tiver pernas para andar, não para escrever, cabeca para pensar, arrostarei as furias dos mais furiosos;

E com isso não me abalo: Vou tangendo o meu badalo, Com repique impertinente,

Como diz o poeta.

—E' triste a minha tarefa: andar de casa em casa colhendo noticias, para reduzi-las depois á uma correspondencia bem á contento dos leitores.

Si ainda o nosso *Echo* me fizesse presente de um *trolly* ou *semi trolly* de uma *catega* ou *meia catega*.....

Mas, não! tenho de ver o vehiculo por um occulo; tenho de observar somente a *carro-mania* d'esta gente que não é mais do que bolei-ros n.º 2.

—Eis porque tenho justos receios dos taes typos, aos quaes peço ao Todo-Poderoso que nunca conceda a mania da cacetada.

Realmente, o ser valentão é uma mania, como qualquer outra; mas, uma monomania que tem suas explicações.

Assim é que segundo o que muito em segredo contaram-me, o Commandante do destacamento policial da Cachoeira é um Rei pequeno.

Removido d'aqui por graça de Deus e unanime aclamação das pessoas honestas, o tal manda-chuva de quartel assentou alli as suas baterias.

Um *reporter* me disse que elle havia injuriado um nosso collega de Redacção, pelo facto de não sahir um artigo lá á seu saber.

Acredito na noticia, e com razão attento o seu procedimento avalendo de todos os tempos.

Decididamente, elle quer fazer o que fizeram á pouco os policiaes n'uma cidade de Amazonas: destruir uma Typographia!

Enão haverá por ahí uma autoridade energica, que ponha cobro aos desmandos do pequeno regulo?!

—Não obstante, continue o *Echo* á profigar abusos e a dizer a verdade com toda essa imparcialidade que o caracteriza.

Embora contra elle se enfureçam os despeitados; embora se esqueçam todas as normas da delicadeza e do cavalheirismo só com o fim

de o guerrearem, elle deve seguir de visera erguida!

O seu artigo de fundo de hoje é uma grande e verdadeira recordação do seu programma.

Continue assim, que lhe garantim muita gente boa no livro da porta.

Por falar em jornaes e programma, lembra-me que a nosso colleginha da Rua do Conde d'Eu passa bem de sua destructivel saude.

Nada veio altera-la, no seu deliciozo *systema* de noticias.

Nada veio munda-la nas suas catilinarias anti-policiaes.

Eis o que prova, que ella ainda é a mesma:

«Está de viagem para a Corte o nosso distincto conterraneo, sr. Dr. Fernando L. de Freitas,» diz ella no seu noticiario de 8;

«Acha-se restituido ao seio de sua familia o illustre sr. Dr. F. L. da Freitas, que conforme noticiamos fóra á Corte em dias passados.

Nossas felicitações:» diz-nos hoje.

Decididamente, a GAZETA com semelhantes noticias faz com que muita gente, que não conhece o distincto e illustre conterraneo, o considere um Agente de compras e vendas.

Mas o que quer?! Isso tambem é signal de imparcialidade. Porem, em todo o caso, é bom que o Dr. Franja o sobe o olho, em tempo.

As mesmas felicitações não faz ella aos Irmãos da Santa Casa: *da-lhes uma boa tabecada!*

«E' para lastimar-se!» exclama logo em principio, e termina dizendo: compareçam, pois, os ir-mãos e elejam para os cargos, entre os mais dignos, os mais dedicados á tão santa instituição.

Este mais dignos não é d'ella: é de Alexandre Magno, Rei da Macedonia.

Porem, não deixa a collega de ter lá as suas boas razões: este povo de cá é moroso e negligente para tudo quanto não cheira á festas, cavallinhos e Theatros.

A Camara Municipal o poderá attestar.

Foi o que succedeu, durante as 3 funcções de prestidigitación e somnambulismo dos Irmãos Ulysses.

O Theatro esteve lateralmente cheio de espectadores, ápezar das pulgas e percevejos que por ali vagueiáo em grande quantidade.

Na primeira noite, a cousa esteve admiravel; por isso era de esperar muita concurrencia nas seguintes.

Foi justamente o que houve, não obstante as amolações da sura.

Lucrecia Ulysses que, em pé na porta, dizia: «aqui não entra ninguém sem cartão».

Porem, si aqui estivesse, caro Redactor, muita cousa haverias de notar, que te faria rir.

As moças d'aqui se con verteráo hoje em mulheres—fitas: os seus *toilettes* são tão enfiçados que não podem ter outra denominação.

E os homens! oh! esses são interessantes á julgar pelo Chico B...

que, quando o Magico perguntou quem lhe emprestaria um relógio de ouro, exclamou com voz de trovão: eu tenho um só!

Dessa data em diante, todo o povo Lorensense sabe que o tal merlo tem relógio de ouro.

Não é qualquer coisa

O que é certo é que o Irmão Ulysses é um grande prestidigitador. Cortez, pollido o pilherico, o nosso Magico sabe bem o seu officio; e poderia mesmo entrar em concurrencia com os nossos actyos. Mios-tros, os maiores prestidigitadores do paiz.

Porem o que é louvavel, é não ser elle *pomadista*, como nos asseverara a «Gazeta»; e levar a caridade ao ponto de dar um espectaculo em beneficio dos asylos do Padre Dr. Ibiapina.

Foi o que houve: o ultimo espectaculo foi uma festa de caridade, que muito contentou á nossa collega.

—A' proposito de prestidigitaciones, a GAZETA está se ninando: lá tem agora como collaborador um tal Caio Graccho, que não é brincadeira.

O illustre collaborador, que já escreveu no *Echo* um artigo sobre a cremação,—perde o seu tempo e o seu *bestinlogico*, porque ellas (as uvas do poder) estão verdes.

Mas s. s. tem razão: este nosso governo é um governo de maluccos, e maluccos prestidigitadores.

E' o que se pôde deprehender do negocio do Banco-Nacion's no procedimento do Desembarg

—A' chegada do tal Graccho, retirou-se o chronista do jury, ao que parece.

S. s., que era fortissimo frequentador do Billar do seu Leite, deixou o grande mundo.

Para onde iria sua Pichoteria? Para Tamandua? Cacapava? So-rocaba? ou Jacaré-paguá?

Ninguém me sabe dizer, ápezar do que se lê no Regulamento do Billar: «é prohibido amolação ou flanteação».

Parece-ma que tomou esse artigo como uma indirecta á sua pessoa.

—Entretanto, diversos factos importantes se tem dado na terra, que têm escapado á vigilancia da imparcial *Gazeta*.

Eil-os, neste noticiario geral.

O nosso Juiz de Direito mostrou, no dia 9, que tem grande influencia social, tendo 2 votos para Provedor da Santa Casa.

Que porção! é signal evidente que S. Ex.ª não sabe caballar.

As 2 Testemunhas condemnadas na pena de 15 dias de *chilindrô* cumprirão a sentença.

O *Magro* ficou mais gordo.

O noticiaria da *Gazeta* reformou a linguagem; noticiosa, dizendo no seu noticiario de 8: «no dia 1.º do fluente; e no noticiario de hoje:» de 7 á 13 do vigente.

Cousas da collega!

Ainda o Exm. Dr. Juiz de Direito da Comarca.

S. Ex. (isto me contarão em segredo) confessou-se com o Vigário da Paróquia em dias da Semana passada.

Deus lhe faça um Sancto.

Em um dos dias passados o actual commandante do destacamento (Benjamin Nogueira) quebrou a cara de sua chara metade. A pobre mulher ficou muito ferida; e foi obrigada a refugiar-se em uma casa vizinha, para evitar as fúrias do homemzinho.

Vá com vistas á Gazeta e ao sr. Delegado de Policia.

Cá e lá mas fadas há.

Contou-nos a Gazeta que esteve em S. Paulo o Bispo do Pará, e que é um dos primeiros Bispos do Orbe catholico.

Não contesto.

Com vistas á S. Ex. Rvma. o sr. Dr. Juiz de Direito.

Estive na terra o sr. Alambert, talentoso Professor de Silveiras, que botou folhetim na Gazeta.

S. S. contou-nos em tom de folhetinista que foi á Capella da Apparecida com o Leão Brazil e outros, que depois foi ao Theatro de Lorena, onde uma vizinha lhe disse que o irmão Ulysses não era o pai de Telemaco. Que boa vizinha!

Acabo de saber que um dos proprietarios da Gazeta, indo á um casamento no Cruzeiro determinou fazer

guerra ao Echo, empenhando-se para publicar na folha imparcial o expediente da Camara de lá!

Não creio; mas em todo o caso a pillheria é boa, e d'ella me occuparei, domingo.

Pela Gazeta, e somente por esse intermedio soube que houve exames nas Escolas Publicas da terra.

Forão exames de compadres: entre Professores e discipulos.

O Dr. Inspector, que já tinha chegado, recebeu uma nuvem de flores desfolhadas (é d'ella) e pronunciou uma bonita allocução.

Ninguém foi reprovado!!

Está para S. Paulo o Redactor da Gazeta de Lorena.

Até domingo, em cuja correspondencia hei de relatar muita coisa boa e estordosa.

Seu correspondente e amigo,

Quim Pedro.

P. S.

Falleceu hoje a distincta Professora Publica D. Maria do Carmo da Motta Pereira, esposa do sr. Ignacio Antonio Pereira, Administrador da Gazeta de Lorena.

A finada era, por suas boas qualidades, credora da estima de todos.

17 de Dezembro de 78.

Nhó Quim

NOTICIARIO

Policia local. — A noticia que, sob a epigraphie *abuso*, demos

no nosso n. passado deu em resultado chamar sobre nós as vulcanicas iras do sr. commandante do destacamento policial.

Este sr. commandante, que suppõe talvez que Cachoeira é ali qualquer aldeamento de indios Cayapós, ao ouvir ler aquella noticia, domingo passado, em nossa ausencia, em frente á nossa officina, no negocio de molhados dos srs. Araujo & Rocha, diante de numeroso auditorio *botou o verbo*, resultando d'ahi um furibundo discurso que não primou nem pela belleza e correcção da linguaagem, nem pela selecção da phraseologia. Dizer-se que o desabafo do sr. commandante esteve na altura da sua *gigantesca illustração* e educação de tarimba — é repetir aquillo que todos sabem.

Rementou o dito sr. commandante ao settim e cêo do atrevimento: declamou, vociferou, trovejou, arremessou raios, vomitou chammãs, gesticulou, espumou e chegou a avançar proposições tão injuriosas contra nós, que furtamo-nos a reproduzi-las, por que, competentemente testemunhadas, guardamol-as para tempo opportuno e para os devidos effeitos legais.

Lvamos esse facto ao conhecimento do digno sr. subdelegado em exercicio, e acreditamos que o provocador já não foi conduzido á presença da Autoridade, pelo facto de ter sido chamado á Lorena a fim de liquidar umas *contas atrasadas* com o meritissimo sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca.

O procedimento do sr. commandante, do *mantenedor da ordem* para com nosco foi tão brusco quanto audacioso!

Parece incrível que á luz do dia e

La sala o brando leito em que descança
A conchada fronte empalidecida
Das vigillas de amor essa criança
Da qual bem cedo ennegrecer-se a vida;
No foudador o pente que destranga
A sedosa madeixa que, atrevida,
Penetra no trouço, beija-lhe o seio
Que palpita, ao seu toque em brando aneio.

Sobre o leito virgineo e perfumado
Vende do tecto em ledo desalinho
Palva fagulha um brando corinado
Que o sono seu resguarda com carinho;
No foudador — um vaso delicado,
No vaso algumas flores, n'um cantinho
Vidros de essencia fina e olorosa
Trazem constante a alcova perfumosa.

N'uma pequena mesa de costura
Um tinheiro de prata e uma penna.
Não acabada ainda uma pintura
Representando uma paisagem amena.
Entre rendas uns livros, de mistura
Com linhas e cedeas uma apocena,
—Miscellanea agradável e acesa,
—Fem'ina desordem primorosa.

Nas paredes uns quadros revelando
Muito amor pela arte sublimada
Que de grandes pintores apregoando
O nome vai da fama desejada,
Ou timida donzella nos mostrando
Ou paisagem de brilhos malizada,
Formbo bella e soberba galeria
Dispostos, como estão, em symetria.

N'um pequeno conado um Oratorio
Nos mostra a mãe de Christo rodeada
De girinaldas e rosas, no Pretorio
Jesus se vê — estampa emoldurada.
N'um pequeno quadricho o Purgatorio
Onde uma alma se vê sendo queimada,
Madglena chorando o seu peccado,
Sentos e Santas e um anginho anado.

Além se vê também n'outro conado
Duas bellas estatuas modeladas:

quasi á face da autoridade, um policial, so por que traz suspensa uma menção de campanha — ouasse isto!

Se é tão valoroso reserve o seu furor bellico para futuras campanhas, e deixe em paz aquelles cidadãos pacificos que só desejam chama-lo á ordem.

Baseados na reconhecida energia do digno sr. Subdelegado em exercicio, nutrimos esperanças de que, se para aqui voltar o tal sr. commandante ardente, aquella autoridade não consentira que sejam burladas as garantias que nos facultam as leis.

Em quanto ao lequaz sr. commandante, esse deve arripiar carreira. Jamais, com tal conducta, será si quer uma unha de Javert; para o contrario não nasceu tambem, pois o contrario que promoveu n'uma esquina publica, deve ter provado sobradamente este aserto. A sua dialectica não convence o auditorio: o vocabulario empregado é o mais grosseiro, nauseabundo e insolente.

Conveça-se o sr. commandante que os seus arroganhos não nos assustam; que a imprensa, essa soberana universal só reconhece uma realza — a da intelligencia, uma unica força — a moral, uma unica e universal autoridade a lei!

A força do direito abate, suplanta facilmente o direito da força.

Lembre-se, sr. commandante, que não mais vigoram os velhos codices da idade — media: estamos em pleno seculo XIX, o arauto das prodigiosas victorias do espirito humano sobre a materia-bruta.

Mais cantêlo, sr. deos-tonantê!

Uma é mulher que esconde o ebúrneo collo
A resguardar as formas torneadas.
A outra é d'homem e representa Apollo
A lyra sobragando de doradas
Cordeas de amor que desferira um dia
Donde brotara belica harmonia.

Entre as estatuas mil frivolidades
Que bem mostrão o seu gosto caprichoso;
De branca porcellana mil beldades
De rósea face e olhar voluptuoso;
Aqui, uma saloa; alli, uns frades
De grande pança e gesto pinguicoso.
O busto de um dandy pondo a luneta
Tendo um labrego, ao lado, de jaqueta.

E'noite já: o brilho das estrellas
Dos espagos recama a immensidade
E na alcova subtil pelas janellas
Penetra a luz da deusa da saudade;
Abrem os lyrios de amor as urnas bellas
A banhar-se do seu na claridade
Interrompe o silencio além o rio
Que desliza com brando murmurio.

Deixemos, ó leitora, a pensativa
Engolhada nos sonhos amorosos.
Revê talvez a sombra fugitiva
Dos seus dias de infancia delictuosos.
Pensa, ai! pensa n'aquelle que captiva
Sua alma traz em extasis ditosos,
E goza em doce scisma essa ventura
Que olvida de viver toda a negrura.

Não seria melhor, gentil leitora,
Não seria mais grato ao peito meu,
Fôras tu a Donzella schismadora,
Fôras em o teu pallido Romeu?
—Julietta divina, ai, seductora
A terra transformara-me no céu
E eu rasgára do gozo no delirio
A tunica fatal de meu martyrio.
Rio, — 1875

Luiz dos Reis.

FOLHETIM

Ao pôr do sol

(Quadro)

A Silva Torres Junior.

A tarde lá findando os espagos
Em seu carro de ouro o sol desceia
P'ras bandos do occidente em leucos tragos
A sultana da noite apparecia;
Tremula, bella, dos sideres pagos
Aqui, alli, além tremeluzia
Uma estrella gentil — vassalla bella
De meigo olhar e fulgida capella.

E' uma hora de enlevo e de mysterio
Aquella em que o dia á natureza
Faz sua despedida e do aéreo
Lugar que habita em toda a redondeza
Ao mundo em que vivemos desse imperio
De brilhos e de luz todo em tristezas
Recoitado em seu cêdo em brandos raios
Adeus nos diz em languidos desmaios.

Nesses momentos diz, castalleitora,
Não tens sentido já inebriar-se?
Em mil seismas de amor a sonhadora
Alma que em novos mundos vai librar-se?
Não tens visto, formosa, a tentadora
Nos brilhos das espheras ir banhar-se
E descer logo apoz pomba de amores
Inundada de luz e de fulgores?

Não tens sentido já quanto perfume
Derramão as magnolias do jardim,
Do teu mimbo de fadas se um quixume
Murmura a brisa em beijos no jasmim,
Nesses doces instantes em que os lumes
Vão surgindo nos cêus, ó cherubim?
Não tens sentido a alma em tões blandicias,
Não adoras, donzella, essas delicias?

Oh! Santas horas d'extasis divinos!
Momentos que nos deitão as primaveras!

Salve! instantes gentis de ledos hymnos
Que nos transportão a ledicias esphas!
Hora feliz de esplendidas climeras,
De devaneio e sonhos crystallinos,
En leuado — instante dos abstrahos
Cantos de amor repletos de mysterio!

E ella, a linda, a pallida crianga
Pensativa, arroubada, contemplava
Os ultimos lampejos... da esperanga?
Talvez, que com o sol se mergulhava!
Terna lhe beija a brisa a negra trança,
E os suspiros que d'alma ella exhalava
Erão notas de um cantico divino,
Estrophes sahas de amoroso hymno.

Na mão alva e mimosa a avelludada
Faço apalava e n'esse cêdo d'alma
Da pequena janella da morada
Filava o espago em socegada calma;
Pensava no amante — inebriada
Do gozo que antevia se tal palma
Objecto de amor e de delirios
Viesse um dia compensar martyrios.

O sol que ia a sumir-se em longo beijo
Ilustrava o ser angelico e f'romoso
Sorvendo assim em lubrico gracejo
Lagrima triste em rosto tão mimoso;
Isp'ois... depois cumprido esse desejo
Sonh'ou-se auras dos montes vagaroso
Como quem goza em plácido abandono
Delicioso nectar de que é dono.

Ella... alli ficara embevecida
N'aquelle doce enlevo encandor,
Alheia a tudo, deusa extremecida
D'um esbello mancebo, — um sonhador,
A scismar n'essa luz de sua vida
Inundada do candido pallor
Da rainha da noite — noiva eterna,
Grande, divina, esplendida, luzerna!

Penetremos, leitora, na formosa
Habitação da pallida deidade:
—E' um ninho essa alcova graciosa
Em que tudo respira castidade;
Levegar, devagar que a caprichosa
Pode extranhar a nossa liberdade
E privar-nos do gozo e da ventura
Que nos dá esta nossa travessura.

Carcereiro.—O récto sr Subdelegado em exercício asseverou-nos, que, embora permança vago o lugar de carcereiro d'esta freguesia, com tudo não é exacto que algum guarda policial haja recebido carceragem por prisões feitas, como nos haviam informado. Em homenagem, pois, a essa justiça e autoridade e á verdade, apresentamos a arrear um juízo temerário.

Ilustre Illustrado.—O passagiero por esta freguesia onde pernoutei de 15 para 16 do corrente, seguiu para a Corte a tomar assento na Assembléa Geral Legislativa, o illustre Advogado, Redactor do *«Itajubá»*, sr. dr. Aureliano Moreira Magalhães.

Esta redacção rendendo merecido credito á intelligencia e á superior instrução—saúda na pessoa do illustre Deputado Mineiro uma das glorias da Patria dos Ottoni.

Que a sua bella Provincia, orgulhosa de possuir tal filho—o veja, finio o honroso mandato, reconduzido ao materno seio coberto de virtuosos lauros.

Gabinete de Engenharia.—Recebemos uma circular de uma pleiade de esperancosos, illustrados e distinctos moços formados em Engenharia, d'entre os quaes, dois irmãos os dres. Olympio e Horacio Rodrigues Antunes, nossos dignos conterraneos, muito honram o torão onde nasceram. Razende ufanas de ser-lhes o bérço.

Estes jovens doutores, associados a mais cinco illustres collegas, abriram um gabinete de Engenharia, na Corte, ao largo do S. Francisco da Paula n. 18—sebrado, onde podem ser procurados para os misteres de sua profissão.

Encaregam-se de todo o trabalho concernente á architectura, projectos, construcções, empreitadas, exploração de minas, analyses de mineras, cartas geologicas, privilegios, direcção e administração; agronomia, analyses de terras, cartas agronomicas, projectos rurais—qualquer trabalho relativo á agricultura. Hydraulica, Artes—Manufacturas, Estradas de Ferro, Agrimensura, etc. etc.

Saudando aos nossos jovens—illustrados conterraneos, e commendando o *Gabinete de Engenharia* á consideração do publico illustrado e particularmente dos nossos compatriotas.

Igreja de S. Antonio.—Ao que nos informam, está em progressivo andamento a obra do altar da Igreja de S. Antonio, orago d'esta freguesia. Não podemos deixar de louvar o procedimento do respectivo parcho que, tomando em consideração os recursos da freguesia, propoz a obra levando á effeito do p. d. do trabalho.

Camara Municipal de Lorena.—Pudemos a publicação do seguinte.

Quando esta illustrissima Camara providenciou sobre diversas representações que lhe fôrta feito o sr. fiscal d'esta freguesia? Como sejam a urgencia da fatura de um matadouro publico, para cujo fim nos conta por pessoa fideli que alguns offerecem o terreno preciso, comprometendo-se ainda a adiantar o dinheiro para a construcção da obra, mediante a vantajosa condicção de ir posteriormente descontando nos direitos que tem de pagar á freguesia a quantia dependida. Ainda representou o mesmo sr. fiscal a necessidade de fazer-se um pontilho nas proximidades da casa do sr. Carlos P. Dias e outro na rua que vai para a casa do sr. Ortiz, assim como a conveniencia

de ser desapropriado um galinheiro que existe no porão da casa, quasi ao lado da rua, que não só priva o tranzito publico como impede que alli se faça alguns indispensaveis para o escoamento das aguas e termadas.

Finalmente ainda representou o sr. fiscal a necessidade de desapropriar-se um puchado da casa commercial do sr. Santos Pinto, no começo da principal rua d'esta freguesia. Nenhuma resposta obteve o sr. fiscal da Camara de Lorena, ao contrario, reconhecendo esta que o seu empregado é por de mais solido no cumprimento dos seus deveres, e vendo que este fazia muito já, mesmo sem o seu auxilio, ordenou-lhe que não mais fizesse serviços sem consultal-o.

Não podemos conceber o fiscal que muito tem feito em beneficio d'esta localidade digna sim de todos os reparos á Camara de Lorena que é sempre surda ás judiciosas reclamações do seu empregado que, privado até de fazer aquillo que elle podia fazer sem previa authorização, de man-eira que hoje, para o sr. fiscal mandar extrair um baraco em qualquer rua, é mister requerer da Camara consentimento, esperar que ella se redna e ordene!

O bom fiscal é o que faz juiz aos cobres e não cura de suas obrigações. Parecem-nos bem fundadas as censuras aduzidas, pelo que esperamos que a Camara Municipal de Lorena fará desapropriar as peças que prendem o progresso da nossa nascente populacção.

Variedade

O Relicario de Ouro. (3)

Era a tarde serena e fresca do dia 22 de Abril.

De sobre o monte elevado do Castello uma donzella debruçada á janella de uma pequena casa, lançava os olhos pela barra e mirava os navios, que, sulcando o oceano immenso, galhardamente se aproximavam da nobre e briosa cidade do Rio de Janeiro.

Uma ligeira viração perfumava e refrescava a atmosphera, quando o fogo do sol abraçador do tropico tão calida estava.

A donzella era linda como uma aguçena no meio dos campos, bella como a flor do natal no centro dos bosques.

Havia no seu semblante, entretanto, como que estampado um pensamento triste, que sembrava um colorido melancolico sobre as faces de colorido tão suave e rosado.

Parcia, a ver fixado seus olhos no mar, que ella d'elle se enamorara.

Verdade é q' o oceano, com suas ondas e seus folguedos, com seus brinços e seus fúrios, com seu horror e sua immensidade, é o mais pomposo espectáculo que produz a máo de Deus.

O oceano é o leão do deserto, que revela a grandeza do Omnipotente, pelas suas formas e gentileza, por sua galhardia e enthusiasmo.

O oceano brinca, salta, ri-se de repente se irrita, ergue-se furioso, sacode sua branca fronte, precipita suas aguas, grita, uiva, e entreabre abismos que horrorizam, precipícios que matam; eillo, porém que em um momento se afadiga, deita-se, suspira, chora de remorsos, e adormece ao som da propria musica, que cadenciam suas aguas magestanas. A imagem de Deus alli está. Só Deus é grande e poderoso.

A donzella teria 21 annos de idade, e entretanto parecia ainda não ter passado os 20. Mais de duas horas esteve ella alli posta

de, e só se ergueu de seu lugar quando o crepusculo da noite foi desdobrando as opacas sombras que cobriram o dia, comsigo levando o mar, as fortalezas, a bahia, os navios e as montanhas.

Logo que os seus olhos nada mais poderam divizar, logo que a negra escuridão da noite arrancou-a, como por illusão ou encanto, ao espectáculo, que com ansiedade ella contemplava, uma lagrima pezada, profunda e dolorosa lhe cahiu pelas faces...

Ella deixou a janella.

A noite, em uma pequena sala, se achavam em torno de uma meza dois homens, duas moças e duas criancinhas lindas como os amores.

Uma das moças, a mais bella d'ava beijos amadados na criança que ao lado lhe ficava. Essas beijos, porém, não eram de mãe, que são tudo o que ha de mais sagrado e de mais sublime de baixo do céu.

A mãe d'estas crianças era a outra que estava ao lado d'ella e se denunciava a cada instante.

Ha um não sei que indício, uma não sei que alegria nos olhos, um não sei que prazer nos labios, um não sei que orgulho, permittam-me a expressão, no semblante, que não diz á primeira vista:—E' não aquella!

Em Anna, seu marido e seus dois filhos. Com ella estavam Carolina e um individuo muito da amizade da familia, e que tinha suas pretensões á mão da donzella.

Um logar estava vazia, era aquelle que occupava o espaço, de quem fallamos no primeiro capitulo d'esta novella, e que havia de ser o mundo havia já cerca de dois annos.

Tão grande era ainda o amor que elle consagrava sua familia, que seu logar ficara para sempre reservado; poucos parentes há que isso façam e pratiquem; de ordinario falta-lhes a memoria, primeira e mais bella das qualidades humanas.

A pinas se morre, logo que enterrada se é, immediatamente esquecido.

Marcha assim o mundo, como será a eternidade?

O mancebo amava a Carolina com todas as forças da sua alma; já a havia pedido em casamento, nem uma resposta, porém, d'elle mesma recebera, porque, com quanto muito o favorecesse em suas pretensões toda a familia, Carolina tãas difficuldades oppunha, que elle ia pensando com sigio que seu amor não era de modo algum correspondido.

E que dór que é o amar sem ser amado!

Nutrir dentro d'alma um fogo capaz de tudo abraçar e consumir, empregar seu pensamento, seus olhos em um objecto qualquer, e nem si quer um olhar, um sorriso, uma animação receber d'ellef...

Viver sem esperanza no futuro, melhor, sim, muito melhor é morrer, que não é vida esse viver de pezares e dores, de martyrios e sofrimentos d'alma, que são superiores ao padecer do corpo.

Quando todos se retiraram, quem acompanhasse Carolina ao seu quarto de dormir a veria banhada em lagrimas ajoelhar-se deante de uma gravura da Senhora da Piedade,

de, e ali entre soluços, que lhe embargavam a voz, exclamar com um accento arrancado do intimo do peito:—Por Piedade, fazei que elle volte, ou eu morro faltando ao meu juramento!

Ella ainda esperava aquelle que por seu irmão se sacrificara!!

(Continuar-se-ha.)

A PEDIDOS

Ilmo. Sr. Juiz Municipal.

Peto Aires de Moura Coelho, administrador dos terrenos patrimoniaes do Senhor Bom Jesus e S. Antonio da Cachoeira, vem perante V. S. pedir sua demissão do referido encargo. Ha no logar pedras mais habilitadas e logo desejam servir o logar que o Supplicante exerce. O Supplicante, reconcentrado no seio de sua vida intima e tendo a seu cargo deveres e obrigações de familia, de bom grado resigna o logar, que devese ser preenchido por pessoa, cujos attributos não se chamem com os deveses do cargo. O Supplicante consciente de que tem desempenhado fielmente esta missão, de que fôr investido ántons annos, agradece a V. S. toda a deferencia e consideração que lhe tem dispensado e, pedindo deferimento

E R Mee.

(Uma estampilha inutilizada) Lorena 10 de Dezembro de 1878.

Peto Aires de Moura Coelho. (Despacho)

Tendo o supplicante se mostrado desinteressado e zeloso no cumprimento de seus deveres, como administrador do patrimonio de S. Bom Jesus da Cachoeira, e merecendo por isso toda confiança d'este Juizo e encomios d'aquelles que conhecem o que é servir cargos publicos, por isso que inelle se tem havido com probidade e dedicacção, não pode ser deferida a sua pretensão. Este Juizo espera que continuará n'esse desempenho dispensando os seus bons servicos ao mesmo patrimonio Lorena, 10 de Dezembro de 1878.

Pinto Roza.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

Rodolpho Machado, tendo entrado em liquidação da casa de negocio sob sua direcção, sita ao largo do Rozario, e precisando justamente liquidar todas as contas relativas á mesma; vem por este meio convidar a seus freguezes que se promptilhem a entrar até o dia 29 deste mez com as respectivas quantias de seus debitos, afim de que não lhe seja preciso lançar mão de outros meios menos delicados.

Lorena, 19 de Dezembro de 1878.

Vende-se uma preta, Criola, de 16 annos de idade, bonita figura, de serviço de roça, domestico e sem vicios, para informacões n'esta Typographia.

Cachoeira, 20 de Dezembro de 1878.

Ty. do Echo Municipal.